

PERFIL DO USO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

PROFILE OF THE USE OF LICIT AND ILLICIT DRUGS BETWEEN UNDERGRADUATED STUDENTS OF THE STATE UNIVERSITY OF PONTA GROSSA

Jéssica Molina Lirani Antunes¹, Stella Bortoli^{1*}

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas, Ponta Grossa, Paraná Brasil

*Autor correspondente: Laboratório de Toxicologia - Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 – CEP 84030-900 – Bloco M, sala M66. E-mail: sbortoli@uepg.br

RESUMO

O estudo teve como objetivo traçar o perfil do consumo de drogas lícitas e ilícitas pelos estudantes da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisa foi realizada por intermédio da aplicação de um questionário desenhado para este trabalho aos estudantes dos diferentes setores de conhecimento. O questionário abordou questões sobre a situação socioeconômica, familiar, hábitos de vida e uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, bem como a idade de experimentação. A amostra foi composta por 325 universitários com idade média entre 19 e 21 anos, a maioria do sexo feminino (68,9%). Constatou-se que o álcool é a substância lícita mais consumida, com padrões de uso que variam de uma a duas doses e três doses ou quatro consumidas duas a quatro vezes por mês, com episódios *binge* menos de uma vez por mês. Das drogas ilícitas, a maconha foi a mais utilizada pelo menos uma vez na vida por 36% dos universitários. Estabeleceu-se associação significativa entre alguns fatores acadêmicos e condições socioeconômicas com o início ou mudança do hábito de consumo de drogas lícitas e ilícitas.

Palavras-chave: Estudantes universitários. Drogas de abuso. Álcool. Substâncias psicoativas. Drogas ilícitas.

ABSTRACT

The aim of this study was to outline the profile of the consumption of licit and illicit drugs by the students of the State University of Ponta Grossa. The research was developed through a questionnaire designed for this study applied to students from different knowledge areas. The questionnaire addressed questions about the socioeconomic situation, family, life habits and use of licit and illicit psychoactive substances, as well as the experimentation age. The sample consisted of 325 university students with a mean age between 19 and 21 years, most of them female (68.9%). It has been found that alcohol is the most widely used licit substance with patterns of use ranging from one to two doses and three or four doses consumed two to four times a month, with binge episodes less than once a month. Marijuana as illicit drug was the most used at least once in life by 36% of university students. A significant association was established between some academic factors and socioeconomic conditions with the beginning or change of the consumption of licit and illicit drugs.

Keywords: University students. Drugs of abuse. Alcohol. Psychotropic drugs. Street drugs.

INTRODUÇÃO

O uso de drogas faz parte da própria história da humanidade, sendo que em diversas sociedades sua busca se deu por motivos medicinais, religiosos e culturais. Para se isolar ou como meio de interação, para transgredir, como forma de recreação ou para contornar situações de conflito o homem sempre se relacionou com as drogas. Com a mudança no padrão de consumo, o que antes era realizado em situações pontuais, como por exemplo em rituais, foi se tornando cada vez mais frequente e de maneira individual. Destaca-se assim uma preocupação crescente a partir do século XX, quando o consumo se intensificou trazendo consequências negativas ao próprio usuário e também à sociedade. Acredita-se que os indivíduos entrarão em contato com algum tipo de droga ao longo de sua vida, mesmo que não as experimente ou faça uso, devido à exposição ambiental^{1,2}.

A palavra droga, como define a Organização Mundial da Saúde (OMS), compreende toda e qualquer substância, ou a mistura delas, não produzida pelo organismo que tenha a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, provocando alterações/modificações em seu funcionamento. Dessa forma, as drogas não são consideradas ao todo malélicas, uma vez que podem propiciar efeitos benéficos, desde que utilizadas com indicação e sob cautela. As drogas as quais tem capacidade de alterar o funcionamento do sistema nervoso central (SNC) – afetando os processos mentais, motores e emocionais que modulam (excitando, deprimindo e/ou perturbando) as atividades psíquicas e comportamentais são conhecidas como drogas psicotrópicas ou substâncias psicoativas³. As drogas de abuso propriamente ditas são aquelas que têm o potencial de desenvolver no indivíduo tolerância e dependência, cujo uso está relacionado com a busca de um estado alterado de consciência ou do alívio provocado pela falta da mesma, que caracteriza os estados de abstinência⁴.

As drogas de abuso podem ser classificadas de várias formas. Quanto à legalidade elas são consideradas lícitas ou ilícitas. As chamadas drogas lícitas compreendem as bebidas alcoólicas, tabaco e medicamentos. Estas têm sua produção e comercialização autorizadas pelo Estado e seu uso não é criminalizado, o que difere das drogas ilícitas, em que sua produção e comercialização não ocorre em âmbito legal e seu

uso é visto como ato criminoso susceptível a repressão e punição^{2,5}. Drogas como maconha, cocaína, LSD e ecstasy são alguns exemplos.

Diversos estudos nacionais e internacionais, apontam que o uso de drogas está acontecendo cada vez mais cedo e de forma mais intensa⁶. Segundo dados do “VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras” realizado pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD) em parceria com o Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo (CEBRID/UNIFESP), embora a maioria dos indivíduos que relataram algum consumo tivessem mais de 16 anos, houve também relatos de consumo entre 10 e 12 anos⁷.

Com o ingresso na universidade surgem em paralelo muitas expectativas, sentimentos positivos e de alcance de uma meta programada pelos estudantes do ensino médio. Esse momento da vida universitária pode ser considerado um período crítico para o jovem, pois é um período de maior vulnerabilidade para o início e mudança do perfil de consumo de drogas lícitas e ilícitas, em que os fatores predisponentes envolvem o afastamento da família, novos vínculos de amizade e a vivência de experiências novas^{8,9}. Estudos apontam que em dois terços dos casos o uso de drogas psicotrópicas tem início prévio ao ingresso na universidade, contudo, no ambiente universitário ele é intensificado e iniciado por uma parcela significativa de jovens¹⁰.

No âmbito universitário, a interferência socioambiental tem grande participação no consumo de drogas pelos estudantes, em especial do álcool¹¹. A grande maioria das universidades tem ao redor da sua instituição pelo menos um estabelecimento comercial com venda de bebida alcoólica. A oferta de drogas, sobretudo o álcool, é maior entre os universitários, pois há muitas festas universitárias onde o álcool é amplamente disponível e oferecido. Além disso ocorre a pressão para o consumo do álcool, visto como um facilitador social, principalmente nas horas de lazer onde os universitários preferem sair com os amigos, sendo esses encontros frequentemente em bares^{8,11}. Estudos mostram que o consumo de drogas por universitários é maior que a população em geral⁸.

De acordo com o “I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre

universitários das 27 capitais brasileiras” realizado pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD) (2010), elaborado com uma amostra de 12.711 universitários de Instituição de Ensino Superior pública e privada, quase metade dos universitários (48,7%) relatou já ter consumido alguma substância psicoativa (exceto álcool ou produtos do tabaco) pelo menos uma vez na vida, 35,8% relatou o uso nos últimos 12 meses e 25,9% nos últimos 30 dias. Os dados obtidos incluindo álcool e tabaco, em relação ao uso na vida, o álcool foi relatado com maior frequência (86,2%), seguido do tabaco (46,7%), maconha (26,1%), inalantes e solventes (20,4%), anfetamínicos (13,8%), tranquilizantes (12,4%), cloridrato de cocaína (7,7%), alucinógenos (7,6%) e ecstasy (7,5%). Nos últimos 12 meses antecedendo a aplicação do questionário as substâncias mais frequentemente usadas foram: álcool (72,0%), tabaco (27,8%), maconha (13,8%), anfetamínicos (10,5%), tranquilizantes (8,4%), inalantes (6,5%) e alucinógenos (4,5%). Nos últimos 30 dias, as drogas mais consumidas foram: álcool (60,5%), tabaco (21,6%), maconha (9,1%), anfetamínicos (8,7%), tranquilizantes (5,8%), inalantes (2,9%) e alucinógenos (2,8%)¹².

O álcool é a substância psicoativa mais recorrente entre os universitários, os quais apresentam padrões típicos de consumo da substância diferentes da poluição em geral. Isso acontece, como já comentando anteriormente, por influências socioambientais – que podem acontecer de forma indireta, pela imitação de colegas ou terceiros, objetivando se adequar ao ambiente, tornar-se sociável e até para justificar seu comportamento. A preferência a ir a bares e sair com amigos a se ocupar com atividades culturais ou esportivas em seu tempo livre, leva a uma maior exposição a ambientes onde há venda de bebida alcóolica por um valor baixo¹¹.

São três os padrões de consumo de álcool estabelecidos pela OMS: (i) uso moderado do álcool: comumente referido como beber socialmente, ou como um padrão aceito pela sociedade, sendo o consumo aceitável de até 2 doses/dia para homens e 1 dose/dia para mulheres e abstinência de dois dias na semana; (ii) uso *binge* de álcool: ou padrão de uso pesado episódico, sendo definido como 5 doses de bebida alcóolica em uma única ocasião para homens e 4 doses para mulheres; e (iii) uso pesado de álcool: padrão de consumo que excede o uso moderado, definido como consumo excessivo diário (3 doses/dia) ou uso *binge* se

repetindo pelo menos uma vez por semana. Neste contexto cada dose padrão de álcool refere-se a média de 11 g de álcool¹³. O uso *binge* do álcool tem prevalência entre a população jovem, entre eles, os universitários¹¹.

A procura por novos prazeres que alguns indivíduos encontram nas drogas compreende diversos fatores. Um deles é a busca pelos efeitos que as substâncias psicoativas exercem no sistema nervoso central (SNC). Cada uma das substâncias age em diferentes grupos de neurotransmissores, dessa forma, proporcionam sensações diferentes¹⁴. Podemos classificar as substâncias psicoativas em três grupos principais:

1) Depressores do Sistema Nervoso Central, ou psicolépticos: referem-se ao grupo de substâncias que diminuem a atividade do cérebro, ou seja, deprimem o seu funcionamento, fazendo com que o indivíduo fique menos sensível aos estímulos externos. As substâncias que compõem o grupo de Depressores do SNC são: álcool, inalantes/solventes, ansiolíticos como os barbitúricos e benzodiazepínicos e os opióides e opiáceos¹⁵.

2) Estimulantes do Sistema Nervoso Central, ou psicoanapléticos: são substâncias capazes de aumentar a atividade do SNC, estimulando seu funcionamento. Estas substâncias aumentam a atividade cerebral, uma vez que imitam ou cooperam com os neurotransmissores estimulantes do organismo do indivíduo, causando sensação de alerta, disposição e resistência, aumento da frequência cardíaca, mas que, ao fim de seus efeitos, conferem cansaço, indisposição e depressão, devido à sobrecarga que o organismo se expôs. Os principais representantes dessa classe são: cocaína e compostos anfetamínicos¹⁵.

3) Perturbadores do Sistema Nervoso Central, ou psicodislépticos: as substâncias que alteram qualitativamente as sinapses cerebrais, principalmente nos sistemas dopaminérgicos e serotoninérgicos, causando diferentes graus de alucinação. São classificados como perturbadores: a cannabis, a dietilamina do ácido lisérgico (LSD), diferentes espécies de cogumelos alucinógenos, tais como: *Pscilocibe sp*, *Amanita muscaria*, *Botelos manicus*, entre outros¹⁵.

Um fator comum a essas substâncias é que elas exercem efeito positivo direto ou indireto sobre a ativação da via mesolímbica dopaminérgica proporcionando sensação de recompensa ao usuário.

O uso de drogas psicotrópicas entre universitários associa-se a uma série de consequências negativas,

entre elas má qualidade do sono, falta de atenção, atrasos e/ou faltas nas aulas, saídas mais cedo das aulas, acarretando prejuízos nas atividades acadêmicas¹⁰.

Dependendo da forma que o indivíduo faz uso das drogas e a relação estabelecida entre eles é que se baseia os diferentes padrões de uso das drogas. Não se pode estabelecer uma quantidade da substância, a qual sofre variações, e se tem influência da susceptibilidade individual^{16,17}. Os padrões de usos estabelecidos são: (i) uso experimental: uso infrequente de alguma droga específica, geralmente em quantidade pequena, porém pode ocasionar danos à saúde do indivíduo; (ii) uso recreativo/social: uso esporádico, em circunstâncias sociais ou relaxantes¹⁷; (iii) uso nocivo: segundo os critérios da CID-10 (Código Internacional de Doenças) causa dano real à saúde física e mental do usuário, mas não compreende os critérios de dependência, e (iv) dependência: de acordo com o CID-10 se estabelece o diagnóstico se pelo menos três dos seguintes critérios são relatados: forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância; dificuldade em controlar o comportamento de consumo da substância; estado de abstinência fisiológica quando diminuiu ou parou com o uso da substância ou fez uso da mesma com a intenção de aliviar ou evitar sintomas de abstinência; necessidade de doses maiores para se alcançar os mesmos efeitos; deixar de fazer algo que gosta ou perder interesse por causa da droga, aumento do tempo para que o efeito passe; persistência no uso da droga, mesmo com algumas manifestações nocivas¹⁶.

MATERIAIS E MÉTODOS

A estratégia de ação deste estudo foi a aplicação de um questionário a estudantes universitários ingressos da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Todos os alunos submetidos à esta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este trabalho foi aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CEP/CESCAGE)** sob o registro CEP 2.161.353.

População de estudo e amostragem

A população-alvo foi composta por estudantes universitários, regularmente matriculados na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Foram questionados alunos dos seis diferentes setores de conhecimento: Setores de Ciências Exatas e Naturais, Ciências

Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas, Letras e Artes, Ciências Agrárias e de Tecnologia, Ciências jurídicas e Ciências Sociais Aplicadas, distribuídos em todas as séries (1^a, 2^a, 3^a, 4^a e 5^a), dos quatro turnos diferentes (matutino, vespertino, noturno e integral).

Questionário

O questionário foi desenhado especialmente para este estudo, baseando-se em diferentes questionários validados e amplamente utilizados mundialmente, o AUDIT (*Alcohol Use Disorders Test*), o ASSIST (*Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test*), e o questionário do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas¹², sendo, portanto, adaptado para alcançar nossos objetivos. O questionário foi dividido em três partes:

Parte I – questões sociodemográficas que contemplavam informações sobre o indivíduo e informações relevantes sobre estrutura familiar e presença ou ausência de dependência de drogas na família.

Parte II – questões sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas, divididas em setores: álcool, cigarro e outras drogas.

Parte III – avaliação pessoal que reflete o impacto do uso sobre o desempenho nas atividades acadêmicas e sua percepção sobre a mudança ou não do consumo de álcool, cigarro e outras drogas.

Os questionários foram autoaplicados e não foram identificados, sendo preservado o sigilo das informações prestadas sem nenhum tipo de identificação do questionado.

Coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada entre o período de agosto e outubro de 2017. Previamente à aplicação do questionário, foram contatados alguns departamentos dos setores anteriormente referidos e uma breve explicação do objetivo da pesquisa foi fornecido no momento da aplicação do questionário. De acordo com a disponibilidade de horários, foram feitas as visitas às turmas escolhidas, onde foi realizado a apresentação do trabalho e explicações sobre o questionário, bem como o sigilo das respostas e foram entregues os TCLE. Os dados dos questionários foram analisados com o software Microsoft Excel e análise estatística das idades foi feito com o auxílio do software SPSS Statistics Versão 20.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra desse estudo foi composta por 325 universitários, distribuídos em todas as séries (1^a, 2^a, 3^a, 4^a e 5^a), dos quatro turnos diferentes (matutino, vespertino, noturno e integral) e dos seis diferentes setores de conhecimento (Setores de Ciências Exatas e Naturais, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas, Letras e Artes, Ciências Agrárias e de Tecnologia, Ciências jurídicas e Ciências Sociais Aplicadas).

A faixa etária abrangeu idades entre 16 e 58 anos. Devido a análise das idades dos participantes da pesquisa não demonstrar normalidade, se calculou a mediana e intervalo interquartil, 21 (19-23), respectivamente, onde 50 % dos elementos do meio da amostra estão contidos no intervalo da amplitude apresentada.

Questões a respeito de gênero, necessidade de afastar-se da família e situação laboral estão descritos na Tabela 1.

Foi questionado ao aluno se havia algum caso de dependente químico na família, 175 (53,8%) estudantes responderam não e dos 150 (46,2%) que responderam sim, a maioria listou o dependente químico como sendo tia ou tio, seguido do pai e da mãe e a substância mais listada foi o cigarro, seguido do álcool e da maconha.

Tabela 1. Caracterização do perfil sociodemográfico de 325 estudantes da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Perfil sociodemográfico	Universitários	
	n	(%)
Sexo		
Feminino	224	68,9
Masculino	101	31,1
Necessidade de mudar de cidade		
Sim	75	23,1
Não	250	76,9
Conciliam estudo e trabalho		
Sim	115	35,4
Não	210	64,6

A mudança de ambiente tanto familiar quanto de espaço físico confere ao estudante maior independência e liberdade e intervém nos hábitos de vida do indivíduo, o que pode acarretar na mudança para hábitos não saudáveis, como a experimentação e/ou uso

mais intenso de bebidas alcoólicas, cigarro e drogas ilícitas^{3,18}.

Em geral, a família exerce grande influência na formação do indivíduo. A criança observa as ações dos pais e tenta agir de forma semelhante. O álcool muitas vezes tem seu consumo estimulado dentro do ambiente familiar, em festas e comemorações. Não raramente a substância é oferecida a crianças e adolescentes de uma forma descontraída, onde a criança é motivada por terceiros a experimentar um “golinho” de álcool, achando que aquilo não terá consequência alguma para o indivíduo. Quando não há qualquer tipo de influência da família à experimentação de bebida alcoólica ou até mesmo cigarro, esta também é percebida pelo indivíduo. Reforça-se esta afirmação com a seguinte frase de uma universitária, quando questionada sobre o impacto que seu consumo de substâncias psicoativas tem no seu desempenho acadêmico: “*Não afeta. [...] nunca fui influenciada por meus pais*” (sic).

Das informações educativas sobre álcool, cigarro e outras drogas, 18 (5,5%) pessoas responderam não terem recebido nenhuma informação sobre o assunto e dentre as 307 (94,5%) que já tiveram acesso alguma informação, os meios de comunicação mais listados foram internet/redes sociais, seguidos de televisão/jornal, escola, PROERD (Programa Educacional de Resistências às Drogas e à Violência), palestras, revistas/artigos científicos. Também foram citados como fonte de informações faculdade, família, amigos, igreja, alcoólicos anônimos, exército, projetos sociais e filmes.

O consumo de bebidas alcólicas se faz presente na vida de 274 (84,3%) estudantes. No que se refere a experimentação de bebida alcoólica, 17 (5,5%) pessoas relataram não terem experimentado e 34 (11%) já experimentaram álcool, mas não fazem mais o consumo, totalizando, assim, são 308 (94,8) estudantes que já consumiram álcool uma vez na vida (Tabela 2 e Tabela 3).

Tabela 2. Informações referentes à experimentação de bebida alcoólica.

Experimentaram bebida alcoólica	Universitários	
	n	(%)
Sim	308	94,8
Não	17	5,5

Tabela 3. Relação entre os 308 universitários que já experimentaram bebida alcoólica e seu consumo atual.

Universitários que já experimentaram bebida alcoólica	Universitários	
	n	(%)
Ainda consomem	274	84,3
Não consomem mais	34	11,0

A idade de experimentação de bebida alcoólica das pessoas que ainda a consomem foi relatada entre 7 e 23 anos, com idade média de 15 anos. Dos 274 respondentes, 73 (26,64%) relataram não lembrarem a idade que tiveram contato com o álcool pela primeira vez.

Estudos epidemiológicos realizados no Brasil apontam que o consumo de bebidas alcoólicas entre universitários é maior quando comparado com os estudantes do ensino médio¹⁹.

A relação da frequência do consumo de álcool e quantidade de doses consumidas dos 274 universitários estão descritas na Tabela 4.

Tabela 4. Média da frequência e quantidade de doses consumidas.

Frequência do consumo de bebida alcoólica	Universitários	
	n	(%)
Uma vez por mês ou menos	102	37,2
Duas a quatro vezes por mês	119	43,4
Duas a três vezes por semana	44	16,1
Quatro ou mais vezes por semana	9	3,3
Média de doses consumidas em uma única festa/ocasião		
Uma ou duas	88	32,1
Três ou quatro	88	32,1
Cinco ou seis	50	18,2
Sete ou mais	48	17,5
Média da frequência do consumo de mais de quatro doses em uma única ocasião		
Nunca	81	29,5
Menos de uma vez por mês	91	33,2
Pelo menos uma vez por mês	69	25,2
Pelo menos uma vez por semana	30	11,0
Diariamente ou quase diariamente	3	1,1

Neste trabalho o consumo de álcool se fez frequente na vida dos universitários, realizado mais comumente duas a quatro vezes por mês, com consumo

médio de uma a duas doses e de três a quatro doses. O beber em *binge* tem prevalência entre os universitários com distribuição similar entre menos de uma vez por mês e pelo menos uma vez por mês. Apesar da prevalência do consumo de bebidas alcoólicas, a dependência da substância referida pelos universitários foi muito baixa.

Quando questionados sobre ter ocorrido algumas das situações a seguir: impossibilidade de cumprir com os deveres da universidade ou trabalho e perda do dia ou parte dele por falta de disposição, dos 274 consumidores, pouco mais da metade, 167 (61%) referiram não ter ocorrido nenhuma das situações acima e do restante a grande maioria relatou ter tido perda do dia ou parte dele por causa da indisposição.

Quando convidados a fazer uma relação entre o consumo de bebida alcoólica e o que isso acarreta no bem-estar físico do indivíduo, bem como sua disposição para cumprir com os deveres da universidade e trabalho, pouco mais da metade disse não haver interferência. Porém, isso não sugere que o consumo de álcool seja moderado ou baixo pelos estudantes, pois com a análise de dados foi possível perceber que alguns respondentes faziam uso pesado de álcool e não se sentiam improdutivos no dia seguinte, sugerindo uma relação com a adaptação do organismo frente aos efeitos do álcool.

Em relação ao cigarro, dos 325 respondentes, 205 (63,1%) não haviam experimentado cigarro até o momento e 120 (36,9%) já haviam fumado, desses, 84 (70%) ainda eram fumantes e a maior parte descreveu não fumar com frequência (Tabela 5). Desses 84 fumantes, 7 (8,3%) reportaram que a vontade/ansiedade de fumar tiveram influência negativa sobre o desempenho e/ou concentração relacionados às atividades acadêmicas nos últimos 12 meses. A idade média dos que já haviam fumado ao menos uma vez foi de 13 anos, com idade inicial variando de 10 a 20 anos.

Tabela 5. Consumo diário dos fumantes.

Número de cigarros fumados por dia	Universitários	
	n	(%)
De 1 a 10 cigarros	10	11,9
De 11 a 20 cigarros	6	7,1
Mais de 20 cigarros	1	1,2
Não fumam com frequência	67	79,8

O presente estudo corrobora com Bortoluzzi *et al.* (2012), que realizou uma pesquisa com amostra muito semelhante, 384 estudantes de uma universidade em Santa Catarina, em que o álcool foi a substância mais consumida nos últimos 30 dias e o uso do cigarro pelo menos uma vez na vida foi feito por mais de um terço dos estudantes. Os prejuízos à saúde acarretados pelo tabagismo mesmo sendo do conhecimento dos usuários, com o consumo frequente e idade mais avançada, se torna mais difícil o ato de parar de fumar. Entre os fumantes da presente pesquisa, a maioria relatou não fumar com frequência, o que não exclui a possibilidade de se tornarem dependentes. Apesar da discrepância entre consumidores de álcool e os tabagistas, o cigarro foi a substância mais citada pelas pessoas que se consideraram dependentes químicas.

A respeito de outras drogas psicotrópicas, as informações obtidas sobre o não uso, uso uma vez na vida, uso nos últimos 12 meses e uso nos últimos 30 dias, assim como a mediana das idades de experimentação da substância dos estudantes que responderam este último item, estão detalhadas na Tabela 6. Das substâncias psicoativas, a mais utilizada foi a maconha (36,0%), seguido dos inalantes (14,2%), ecstasy (10,4%), alucinógenos (9,5%), tranquilizantes (7,7%), cocaína (7,1%), anfetamina (1,8%) e o crack (0,3%). Outras substâncias citadas foram rapé, haxixe, *poppers*, café, açúcar, antidepressivos, ansiolíticos e, em específico, medicamentos como quetiapina, zolpidem, lamotrigina, escitalopram e Sominex® (difenidramina).

Tabela 6. Prevalência do não uso, de uso na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias de drogas ilícitas entre os universitários 325 universitários.

Outras drogas	Não fizeram uso	Número de universitários que fizeram uso:			Mediana das idades da primeira vez do uso*
		Uma única vez na vida	No último ano	Nos últimos 30 dias	
Maconha	208 (64,0%)	42	32	43	17 (16 – 19)
Inalantes (loló, cola, lança perfume, etc)	279 (85,8%)	23	16	7	18 (17 – 20)
Ecstasy	291 (89,6%)	21	10	3	18 (18 – 20)
Alucinógenos	294 (90,5%)	16	12	3	18 (17 – 20)
Tranquilizantes sem receita médica (ex: clonazepam, diazepam, fenobarbital, pentobarbital)	300 (92,3%)	7	11	7	17 (15 – 20)
Cocaína	302 (92,9%)	17	5	1	19 (18 – 20)
Anfetamina	319 (98,2%)	2	4		20 (18 – 21)
Crack	324 (99,7%)	1			19

* A análise das idades de experimentação de cada droga avaliada não demonstrou normalidade e os dados foram representados pela mediana e intervalo interquartil, onde 50% dos elementos do meio da amostra estão contidos no intervalo apresentado.

Diversos estudos abrangendo diferentes amostras da população têm em comum a maconha como a droga ilícita mais consumida. Em comparação com o estudo de Bortoluzzi *et al.* (2012), se obteve resultado semelhante quanto a utilização da maconha entre os universitários²⁰.

Uma participante da pesquisa respondeu nunca ter usado qualquer tipo de droga ilícita e relatou a seguinte frase: “*Obs: eu não consumo, mas é triste saber que os estudantes estão cada vez mais abusados, estão fumando maconha nas portas da universidade*” (sic), exemplificando a ideia de Figueiredo e Freitas (2013), que mesmo o indivíduo não experimentando de fato a

droga, ela entrará em contato com a mesma em algum momento da vida¹.

A idade de experimentação do uso de drogas ilícitas se encontrou na faixa entre 16 e 21, o que condiz com o estudo de Zeferino *et al.* (2015), onde os padrões de consumo se encontravam associados aos estudantes menores de 21 anos de idade³.

Ao se avaliar o uso das outras drogas, observa-se uma concordância dos resultados deste estudo e os encontrados no “I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras” realizado pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD, 2010) quanto a maior prevalência do uso da maconha e a menor incidência do uso de cocaína na forma de crack¹². Ao se avaliar as outras drogas isoladamente, não foi possível estabelecer uma direta concordância entre os dados observados. Enquanto no referido estudo há uma preferência dos estudantes por anfetaminas a inalantes, este trabalho evidencia uma preferência diferente do acadêmico da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo os inalantes as substâncias mais utilizadas após a maconha, seguido do ecstasy e alucinógenos.

Quando questionados sobre a percepção que tinham sobre seu consumo de álcool, cigarro e outras drogas, dos 325 universitários, os que ainda faziam o consumo de algum tipo de droga, seja de caráter lícito ou ilícito até o momento da pesquisa, foram 279 pessoas, das quais 11 (5,0%) se consideram dependentes químicos, sendo o cigarro mais citado, seguido de antidepressivos, bebidas alcoólicas e ansiolíticos. Sobre a mudança de consumo ao ingressar na faculdade, 158 (56,6%) relataram não haver mudança e 121 (43,4%) disseram que houve mudança no consumo, principalmente de bebidas alcoólicas e outras drogas como cigarro, maconha, inalantes, anfetaminas, antidepressivos, ansiolíticos, ecstasy, LSD e narguilé. Essa mudança foi avaliada como não havendo modificação nos hábitos de consumo de 158 (56,6%) estudantes, intensificação do consumo de 109 (39,1%) e o consumo foi amenizado em 12 (4,3%) casos. Em relação a influência que os hábitos de consumo exercem na vida acadêmica, 240 (86,0%) estudantes responderam não haver influência e 39 (14,0%) afirmaram interferir (Tabela 7).

Tabela 7. Avaliação pessoal sobre os hábitos de consumo e a mudança desse ao ingressar na universidade.

Variáveis	Universitários	
	n	(%)
Dependentes químicos		
Sim	11	5,0
Não	268	95,0
Mudança de consumo ao ingressar na universidade		
Sim	121	43,4
Não	158	56,6
Avaliação de tal mudança		
Não houve mudança	158	56,6
Intensificou	109	39,1
Amenizou	12	4,3
Influência do consumo com o desempenho acadêmico		
Não há influência	240	86,0
Há influência	39	14,0

O número de dependentes químicos teve um percentual muito baixo, porém, devido essa questão ter sido respondida de acordo com a percepção que o indivíduo tem dele mesmo, esse resultado não reflete em um consumo baixo de álcool, cigarro e drogas ilícitas. Assim como, a avaliação de que não houve mudança no consumo de drogas em geral ao ingressar na universidade não traduz que essa nova experiência não acarrete mudanças nos hábitos do universitário, pois alguns desses já faziam uso de alguma substância psicoativa, as vezes até o consumo pesado dessas, antes de ingressar na universidade. A frase de um universitário condiz com essas informações: “*Consigo conciliar o uso diário de álcool com as atividades acadêmicas*” (sic), e evidencia um padrão de consumo de álcool preocupante e a provável adaptação do organismo mediante ao consumo diário da substância, além de demonstrar uma frágil auto percepção desse indivíduo, por subestimar o risco de dependência.

Houve relatos por uma baixa parcela de estudantes que diminuíram ou cessaram o consumo de substâncias psicoativas ao ingressar na universidade. Entre esses estudantes, um relatou o resultado positivo que teve sobre seu desempenho: “*Parei de utilizar o que melhorou muito meu desempenho e concentração*” (sic); já outra pessoa expôs o seguinte pensamento: “*Tenho vergonha por fazer pedagogia e fumar. Tenho*

como objetivo parar até o final do curso” (sic). Esta frase sugere que um indivíduo com conhecimento sobre os danos que determinada substância pode causar e a dependência que ela proporciona é capaz de se conscientizar sobre o mesmo e procurar reverter essa situação. Fica implícito também que a conscientização sobre as drogas tem um papel determinante sobre a decisão das pessoas frente a seus hábitos de consumo.

Em contrapartida, alguns indivíduos têm uma percepção e relacionamento diferentes com algumas substâncias, como sugerem os seguintes relatos:

Respondente 1: “Fumo maconha, não é química e muito menos DROGA” (sic).

Respondente 2: “Eu sou maconheiro. Gosto de alternativas na administração para redução de danos. Não gosto de drogas da indústria farmacêutica, bebo raramente, a maconha me ajuda muito com minhas produções acadêmicas e as vezes profissionais. Sou pesquisador premiado em forum internacional, com certeza o resultado não seria o mesmo sem o auxílio da Cannabis. Tanto sativa quanto índica” (sic).

A alta cobrança, responsabilidade e estresse impostos pela universidade, têm impacto no surgimento de resultados negativos relacionados a problemas físicos e emocionais dos estudantes¹⁸. Alguns relatos dos universitários quando questionados sobre a influência do consumo de algum tipo de substância psicoativa nas atividades acadêmicas exemplificam esse fato:

Respondente 3: “Com ajuda dos remédios melhorou. O álcool é para esquecer os problemas da vida acadêmica” (sic).

Respondente 4: “Por várias vezes atrapalha, mas também seja refúgio para o dia a dia conturbado” (sic).

Outros relatos trazem o uso dessas substâncias como impacto positivo na vida pessoal e acadêmica:

Respondente 5: “Com relação ao cigarro não identifico influência. Sem antidepressivos não consigo me dedicar às atividades acadêmicas. A maconha me da criatividade” (sic).

Respondente 6: “Melhora pois tenho paciência” (sic).

Respondente 7: “Em algumas disciplinas, com o uso da maconha, houve mudança positiva, visto que diminuiu minha ansiedade” (sic).

Respondente 8: “Ajuda na concentração e permanência em sala de aula, quando disponível, ajuda na ansiedade (cigarro)” (sic).

Respondente 9: “Depende, geralmente me ajuda a relaxar” (sic).

Respondente 10: “As vezes utilizo a maconha, uma vez por semana pelo menos, não interfere de forma negativa no meu desempenho, ajuda eu ter novas ideias” (sic).

Respondente 11: “Quando bebo, fico mal pra estudar, já a maconha eu fumo 1 para estudar então acho que não atrapalha” (sic).

O uso de substâncias que alteram a consciência, entre elas as drogas de abuso, é comum desde o desenvolvimento das civilizações, até os dias atuais, como observado neste trabalho. A percepção do indivíduo sobre como essas substâncias afetam suas próprias vidas é bastante diversificada, ora sendo parte comum do dia a dia, ou como um vício real que motiva o sentimento de vergonha ou uma fonte de alívio e criatividade.

É importante destacar que o objetivo deste trabalho foi observar o perfil do uso das substâncias psicoativas pelos acadêmicos da UEPG. Porém não menos importante, é salientar que o conhecimento das substâncias, bem como seus potenciais efeitos deletérios ao organismo e à sociedade devem ser temas discutidos abertamente, para que a decisão do usuário pelo seu uso ou não seja feita de forma consciente, a fim de se minimizar os danos e se promover a saúde.

Ressalta-se que neste tipo de estudo existe o risco inerente da pesquisa, que seria o estudante voluntário não se sentir confortável em responder as perguntas do questionário, o que diminuiria o tamanho amostral. Por este motivo foi usado um questionário autoaplicado e observou-se que este fator promoveu maior liberdade aos entrevistados, resultando em um mínimo de retorno de questionários não respondidos.

CONCLUSÃO

Os dados obtidos permitiram a análise das principais drogas lícitas e ilícitas utilizadas pelos estudantes de graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, bem como de algumas características sociodemográficas. O presente estudo demonstrou um íntimo e preocupante relacionamento dos jovens estudantes da graduação com o álcool, sendo essa a substância psicoativa mais utilizada por eles em diferentes graus. Sabe-se que das substâncias lícitas o álcool é o mais consumido não somente no meio universitário, mas na população em geral. Por se tratar de uma substância a qual não é criminalizada pela sociedade, seu consumo é muito bem aceito quando comparado, por exemplo, com uma pessoa fumando maconha em lugar público.

Das drogas ilícitas, a maconha merece destaque por ser a mais utilizada, tanto em uma única experimentação, como nos últimos 30 dias, o que configura o uso frequente da substância.

Medicamentos e outras drogas psicoativas no geral não foram vistas ao todo pelos participantes dessa pesquisa como malélicas, uma vez que alguns afirmaram ser dependentes delas e seu uso foi descrito como benéfico para o desempenho acadêmico e profissional. A utilização das substâncias psicoativas como refúgio para os problemas pertinentes a universidade ou vida social pode não ser percebida ou considerada um risco à saúde do usuário, levando-o a um quadro de dependência química sem sua percepção. Mesmo não sendo tão expressivo o número de universitários que fazem uso de algum tipo de droga psicotrópica, estes não podem ser ignorados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Figueiredo T de C, Freitas RM de. Perfil Sociodemográfico e uso de drogas lícitas e ilícitas entre estudantes do Ensino Médio. *Rev Eletrônica Saúde Ment Álcool Droga*. 2013;9(1):3–10.
2. Marangoni SR, Oliveira MLF. Triggering factors for drug abuse in women. *Text Context Nurs*. 2013;22(3):662–70.
3. Zeferino MT, Hamilton H, Brands B, Wright MGM, Cumsille F, Khenti A. Consumo de drogas entre estudantes universitários: Família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. *Texto e Context Enferm*. 2015;24:125–35.
4. Moreau RL, Camarini R. Drogas de abuso. In: Oga S, Camargo MM de A, Batistuto JA de O, editors. *Fundamentos de Toxicologia*. 4th ed. São Paulo: Editora Athenea; 2014.
5. Costa M. Distúrbios na forma de perceber o mundo [Internet]. [cited 2017 Oct 3]. Available from: www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/2_qualidade_vida_humana/Museu2_qualidade_saude_drogas.htm
6. Almeida ND. Uso de álcool, tabaco e drogas por jovens e adultos da cidade de Recife. *Psicol Argum*. 2011;29(66):295–302.
7. BRASIL - Ministério da Justiça. VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. São Paulo, Brasil; 2010.
8. Júnior GA, Gaya C de M. Implicações Do Uso De Álcool, Tabaco E Outras Drogas Na Vida Do Universitário. *Rev Bras Promoç Saúde*. 2015;28(1):67–74.
9. Wagner GA, De Andrade AG. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários Brasileiros. *Rev Psiquiatr Clin*. 2008;35(SUPPL. 1):48–54.
10. Azevedo RCS. Uso de drogas por universitários. *Revista Ensino Superior [Internet]*. 2013; Available from: www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/uso-de-drogas-por-universitarios
11. Peuker AC, Fogaça J, Bizarro L. Expectativas e beber problemático entre universitários. *Psicol Teor e Pesqui*. 2006;22(2):193–200.
12. BRASIL - Secretaria Nacional de Políticas Públicas sobre drogas. I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras. Brasília; 2010.
13. BRASIL - Ministério da Justiça. Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. Brasília: SENAD; 2013.
14. Marques A, Cruz M. O adolescente e o uso de drogas Ana. *Rev Bras Psiquiatr*. 2000;22(c):32–6.
15. Oga S, Camargo MM de A, Batistuzzo JA de O. *Fundamentos de Toxicologia*. 4th ed. São Paulo: Editora Athenea; 2014.
16. Galduròz JCF, Ferri CP. Detecção do uso e diagnóstico da dependência de substâncias psicoativas. In: Duarte P do CAV, Formigoni MLO de S, editors. *SUPERA – Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento*. 7th ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas - SENAD; 2017.
17. da Silveira DX, Doering-Silveira EB. Padrões de uso de drogas - Eixo, políticas e fundamentos. São Paulo: SENAD; 2017. p. 25.
18. Tassini CC, Ribeiro G, Candido S, Bachur CK. Avaliação do Estilo de Vida em Discentes Universitários da Área da Saúde através do Questionário Fantástico. *Int J Cardiovasc Sci*. 2017;30(2):117–22.
19. Pinheiro M de A, Torres LF, Bezerra MS, Cavalcante RC, Alencar RD, Donato AC, et al. Prevalência e Fatores associados ao Consumo de Álcool e Tabaco entre Estudantes de medicina no Nordeste do Brasil. *Rev Bras Educ Med*. 2017;41(412):231–50.
20. Bortoluzzi M, Capella D, Traebert J, Presta A. Uso de substancias psicoativas entre estudantes universitários em cidade do sul do Brasil. *Arq Med*. 2012;26(1):11–7.